

«Um relato brilhante.»
ABDULRAZAK GURNAH,
Prémio Nobel de Literatura

RUA DE LONDRES, 38

Da Impunidade:
PINOCHET *em*
INGLATERRA *e um*
NAZI *na* **PATAGÓNIA**

PHILIPPE SANDS

Autor de *Estrada Leste-Oeste*



Para Natalia

Nenhuma outra coisa
deu lugar a tanta desgraça
como a liberdade concedida aos perversos
para prevaricar com total impunidade.

JEAN BODIN, 1577

Sou um monumento
WALTHER RAUFF, 1979

Sou um anjo
AUGUSTO PINOCHET, 2003

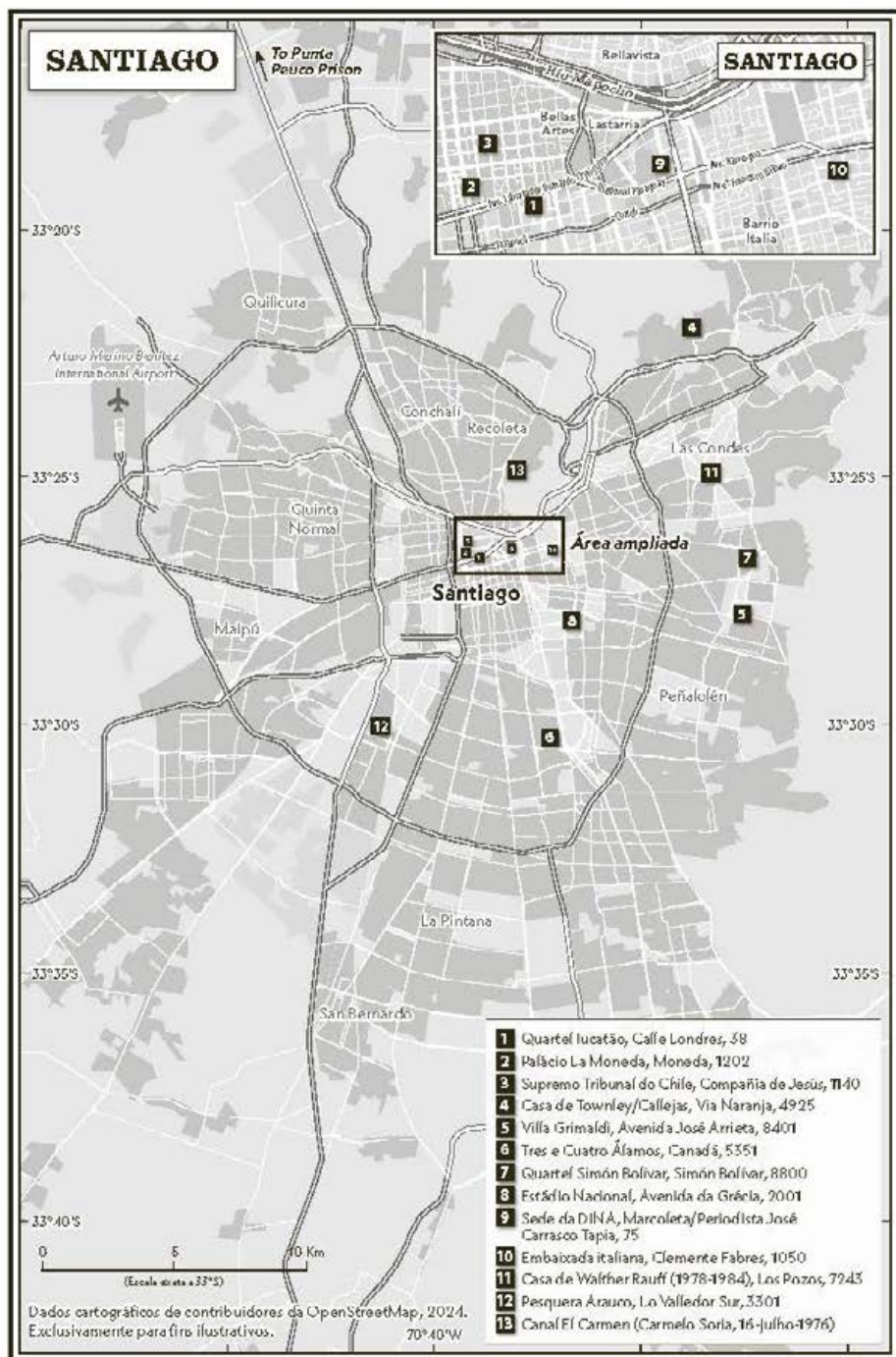
ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| <i>Nota para o Leitor</i> | 15 |
| <i>Personagens Principais</i> | 17 |
| PRÓLOGO | 21 |
| PRIMEIRA PARTE: DETENÇÃO | 27 |
| Londres, Outubro de 1998 | 29 |
| Noites no Chile | 87 |
| Santiago, 1963 | 95 |
| SEGUNDA PARTE: JUSTIÇA | 125 |
| Londres, Novembro de 1998 | 127 |
| Punta Arenas | 173 |
| Londres, Dezembro de 1998 | 199 |
| TERCEIRA PARTE: IMUNIDADE | 219 |
| Noites na Patagónia | 221 |
| Santiago, 1979 | 239 |
| Londres, Março de 1999 | 263 |
| QUARTA PARTE: FUGA | 285 |
| Noites no Museu | 287 |
| Ilha de Dawson | 293 |
| Londres, Abril de 1999 | 307 |
| León | 315 |

| | |
|--|------------|
| Londres, Outubro de 1999..... | 339 |
| Concepción | 349 |
| Londres, Janeiro de 2000..... | 365 |
| QUARTA PARTE: IMPUNIDADE | 375 |
| ○ Acordo..... | 377 |
| Londres, Março de 2000 | 389 |
| <i>El Mocito</i> | 405 |
| La Pesquera Arauco | 417 |
| San Antonio..... | 427 |
| ○ Juiz | 441 |
| | |
| EPÍLOGO: Dois Homens, Dois Rostos | 451 |
| | |
| <i>Agradecimentos</i> | 473 |
| <i>Fontes</i> | 477 |
| <i>Créditos das Ilustrações</i> | 485 |
| <i>Notas</i> | 489 |
| <i>Índice Onomástico</i> | 531 |



Mapa 1



NOTA PARA O LEITOR

Desempenhei um papel diminuto na ação judicial histórica e sem precedentes que se seguiu à detenção de Augusto Pinochet em Londres, na tarde de 16 de outubro de 1998. Proporcionou-me um lugar na primeira fila num dos mais importantes processos criminais internacionais desde Nuremberga. O tempo passou, mas nunca esqueci a experiência, as histórias ou os personagens.

Muitos anos após a detenção e os acontecimentos que se seguiram, dedicava-me a investigar para um livro sobre a *ratline* (rota das ratazanas), a rota adotada por um nazi para fugir da cidade de Lviv e da Europa para a América do Sul. No arquivo de uma família austríaca, deparei com uma carta escrita por um antigo líder nazi chamado Walther Rauff. Procurado por crimes contra a humanidade e genocídio, o homem das SS aconselhava um antigo camarada. Fiquei a saber, uma década depois, que o autor da carta se mudara para a Patagónia, no sul do Chile, onde viria a gerir uma fábrica de conservas de carne de caranguejo-real.

Não me ocorrera que pudesse haver alguma ligação entre Pinochet e Rauff, mas afinal as vidas dos dois homens estavam profundamente entrelaçadas. Faço aqui a narrativa de uma jornada para desvendar essa ligação e as suas consequências, uma narrativa que envolve domínios da história, do direito, da política e da literatura. Também evoca ideias sobre a memória e a linha que se diz separar os factos da ficção e a verdade do mito.

Das vidas destes dois homens, procurei descrever com imparcialidade o que descobri, apoiando-me em documentos, arquivos, testemunhos e conversas. O relato não é uma versão completa ou a única versão. Em tais questões, em que estão envolvidos tantos indivíduos, haverá muitas perspetivas e recordações. Sabemos da vida quotidiana que duas pessoas que vivam o mesmo momento podem experienciá-lo

de maneira diferente, que as memórias são fluidas e que o que aconteceu pode estar aberto a interpretação.

Esta é a minha interpretação, baseada no que vi, ouvi ou li. É uma jornada pessoal. Remete para a justiça, a memória e a impunidade, através do tempo e de lugares, percorrendo a trama que compõe as nossas vidas estranhas, em que dúvidas e coincidências se manifestam com frequência.

Philippe Sands

Londres e Bonnieux, novembro de 2024

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Augusto Pinochet Ugarte, n. 1915, Valparaíso; Exército Chileno, presidente da Junta Militar e do Chile, 1973-1990

Lucía Hiriart, n. 1923, mulher dele

Walther Rauff, n. 1906, Köthen, Alemanha; Marinha Alemã; SS e Gestapo; gestor, Pesquera Camelio

Edith Rauff, n. 1898, segunda mulher dele

Walther Rauff II, n. 1940, filho dele

Walther Rauff III, n. 1967, neto dele

CHILE

Carlos Basso, n. 1972, jornalista e professor universitário

Sergio Bitar, n. 1940, ministro do Governo, economista, detido na Ilha de Dawson

José Camelio, n. 1907, fundador da Pesquera Camelio

José (Porotín) Camelio, n. 1932, filho, Pesquera Camelio

Humberto Camelio, n. 1934, filho, Pesquera Camelio

Eduardo Camelio, n. 1960, neto

Mariana Camelio, n. 1996, bisneta, poeta

Alfonso Chanfreau, n. 1950, estudante, detido no n.º 38 da Rua de Londres, marido de Erika Hennings

Manuel Contreras, n. 1929, Exército, diretor da DINA

Hernán Felipe Errázuriz, n. 1945, advogado e diplomata

Pedro Espinoza, n. 1932, Exército, subdiretor da DINA

Eduardo Frei, n. 1942, presidente (1994-2000)

Samuel Fuenzalida, n. 1956, Exército e recrutado pela DINA

León Gómez, n. 1953, professor de História, detido no n.º 38 da Rua de Londres

Erika Hennings, n. 1951, diretora da organização Londres 38, detida, mulher de Alfonso Chanfreau

José Miguel Insulza, n. 1943, ministro dos Negócios Estrangeiros e secretário-geral

Ricardo Izurieta, n. 1943, Exército, comandante-chefe

Miguel Krassnoff, n. 1946, Exército, DINA

Ricardo Lagos, n. 1938, advogado, economista, presidente (2000-2006)

Miguel Lawner, n. 1928, arquiteto, detido na Ilha de Dawson

Orlando Letelier, n. 1932, economista, ministro do Governo, detido na Ilha de Dawson

Osvaldo (Guatón) Romo, n. 1938, torturador

Miguel Schweitzer Speisky, n. 1908, professor de Direito, ministro do Governo

Miguel Schweitzer Walters, n. 1940, filho do anterior, advogado, embaixador, ministro do Governo

Carmelo Soria, n. 1921, diplomata da ONU

Laura González-Vera, n. 1932, médica

Carmen Soria, n. 1960, jornalista

Cristián Toloza, n. 1958, psicólogo e funcionário público

Jorgelino Vergara (El Mocito), n. 1960, «criado subalterno» de Manuel Contreras

ALEMANHA

Gerd Heidemann, n. 1931, jornalista, revista *Stern*

Karl Wolff, n. 1900, dirigente supremo das SS e da Polícia

ESPANHA

José María Aznar, n. 1953, primeiro-ministro (1996-2004)

Carlos Castresana, n. 1957, procurador

Juan Garcés, n. 1944, advogado, assessor de Allende

Manuel García-Castellón, n. 1952, juiz, Tribunal n.º 6, Audiencia Nacional

Baltasar Garzón, n. 1955, juiz de investigação, Tribunal n.º 5, Audiencia Nacional

REINO UNIDO

Thomas Bingham, n. 1933, juiz

Tony Blair, n. 1953, primeiro-ministro (1997-2007)

Nico Browne-Wilkinson, n. 1930, juiz, Comité de Recurso, Câmara dos Lordes

James Cameron, n. 1961, causídico, advogado de defesa do general Pinochet

Michael Caplan, n. 1953, sócio do escritório de advocacia Kingsley Napley, advogados do general Pinochet

Leonard Hoffmann, n. 1934, juiz, Comité de Recurso, Câmara dos Lordes

David Hope, n. 1938, juiz, Comité de Recurso, Câmara dos Lordes

Alun Jones, b. 1949, advogado do Serviço de Procuradoria da Coroa

Jean Pateras, n. 1948, intérprete, Polícia Metropolitana, Scotland Yard

Jonathan Powell, n. 1956, chefe de gabinete de Tony Blair (1997-2007)

Gordon Slynn, n. 1930, juiz, Comité de Recurso, Câmara dos Lordes

Jack Straw, n. 1946, ministro do Interior (1997-2001)

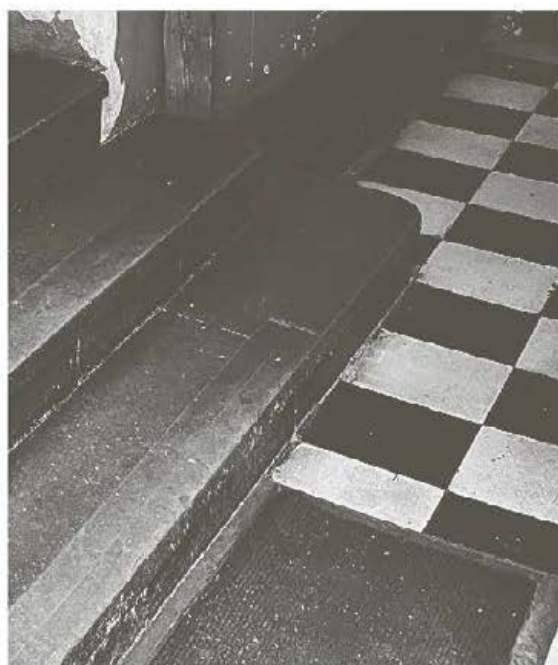
James Vallance White, n. 1938, quarto membro da Mesa, Câmara dos Lordes

PRÓLOGO

Santiago, agosto de 1974

Uma carrinha frigorífica *Chevrolet* rolava vagarosamente por La Alameda, que liga o Palácio La Moneda à Universidade. Próximo da antiga igreja de São Francisco, virou à direita para entrar no Barrio París-Londres, construído em torno do cruzamento de duas ruas, a Calle Londres e a Calle París. No bairro, outrora jardim de um antigo eremitério, residiam poetas, escritores e artistas.

A carrinha avançou sobre o pavimento empedrado e imobilizou-se diante de um edifício baixo em pedra cinzenta, com o número 38. Referida simplesmente como Londres, noutro lugar a rua podia ter sido Londonstrasse, Rue de Londres ou London Street.



Homens em trajes comuns abriram as portas traseiras da carrinha e saiu de lá aos tropeções um grupo de homens e mulheres de olhos vendados que foram feitos entrar no número 38. Um era estudante de História, com 20 anos, preso por subversão. Não tinha a certeza de onde estava, mas por uma fissura na venda vislumbrou os ladrilhos pretos e brancos que revestiam o chão da entrada. Um tabuleiro de xadrez, a sede do Partido Socialista.

Fizeram-no subir alguns degraus de pedra e entrar no edifício, separaram-no dos companheiros e levaram-no para uma divisão à parte onde o mandaram sentar. Outra pessoa, uma mulher, sentou-se ao lado dele.

«Chamo-me León.»

«Chamo-me Hedy», respondeu a mulher.

Esperaram. Passado algum tempo, ele foi escoltado para uma escadaria na traseira do edifício que dava para o primeiro andar. Noutra divisão, um guarda ordenou-lhe que se despisse, mandando que se deitasse nu, de costas, na base de uma cama velha em metal frio. Prenderam-lhe os pulsos e os tornozelos à armação da cama. Ficou estendido como um porco no espeto.

Ouviu vozes baixas e interrogou-se se uma delas teria sotaque alemão. Ali deitado, divisou a forma de uma máquina de escrever antiga, alta e elegante. Ouviu outras vozes e apercebeu-se de um odor, barato e familiar. Os sons aproximaram-se e o cheiro acentuou-se. *Fluão*, um perfume que viria a incutir uma sensação de ansiedade e medo.

Mais tarde, quando regressou ao compartimento no piso térreo, um jovem estava a ser carregado e foi depositado amorfo no chão. Alfonso, sussurrou alguém, estudante de Filosofia, num estado lastimoso. Pouco depois, levaram para junto dele uma jovem, outra detida. Os dois trocaram algumas palavras antes de o estudante de Filosofia ser levado como trouxa para fora do edifício, metido na traseira de uma carrinha frigorífica e levado dali.

Não voltou a ser visto.

LONDRES, OUTUBRO DE 1998

Vinte e quatro anos depois.

Quatro agentes da polícia posicionaram-se à porta do Quarto 801, no oitavo andar de uma clínica numa rua do centro de Londres. Presente também, nesse final de dia de uma sexta-feira de outubro, estava uma intérprete. Entraram no quarto onde, deitado na cama, viram um homem de 82 anos, a convalescer de uma operação às costas. Augusto Pinochet.

A intérprete, uma senhora com penteado volumoso, informou-o em espanhol de que ele estava detido e de quais os seus direitos. Disse-lhe: «É acusado de homicídio por um juiz espanhol que quer extraditá-lo para Madrid, onde será julgado por um genocídio que perpetrou no Chile, por torturar pessoas e fazê-las desaparecer.»

Três semanas depois, em Paris, encontrei-me com a minha mulher junto aos grandes portões de madeira que assinalavam a entrada para o cemitério Pantin, nos arrabaldes da cidade. Foi lá sepultado o meu avô. Abraçámo-nos. Conteí-lhe: «Acabei de ser abordado pelos advogados do Augusto Pinochet. Querem que eu defenda que ele não está sujeito à jurisdição dos tribunais ingleses e não poderá ser extraditado para Espanha, seja por genocídio ou por outros crimes.»

«E vais fazê-lo?», perguntou-me com voz firme. Recordei-a do «princípio da fila de táxis», a regra que determina que os advogados que pleiteiam nos tribunais têm de agir como motoristas de táxi, aceitar qualquer serviço e não recusar nenhum por razões políticas ou de personalidade.

«Vais fazê-lo?», voltou ela a perguntar.

A regra é essa, portanto, sim, estava inclinado a fazê-lo.

«Muito bem», disse ela num tom que era simultaneamente irritado e doce, «mas se o fizeres, divorcio-me de ti.»

HAGENBERG, ÁUSTRIA, JUNHO DE 2015

Dezassete anos depois.

Encontrava-me no andar de cima de um castelo antigo e arruinado no norte da Áustria, a esquadriñar o arquivo de família de um casal austríaco falecido havia muito. Encontrei uma velha carta, escrita depois da guerra e enviada a Otto Wächter, em fuga em Roma. O autor era um homem chamado Walther Rauff, a dar conselhos a partir de Damasco, na Síria:

Conserve uma dureza inabalável, não se envergonhe do trabalho que faz e não perca tempo a recordar tempos melhores. Aceite a situação atual e poderá realizar muito e voltar a ascender [...] O principal é sair da Europa [...] e concentrar-se no «reagrupar de boas forças para uma operação posterior».

Vá para a América do Sul, dizia Rauff a Wächter, que supervisionara o extermínio de centenas de milhares de judeus e polacos em Lviv, e acrescentava depois: «Será esta a minha linha de ação.»

Fiquei a saber que o autor da carta também era um homem das SS em fuga. Era conhecido pelo seu papel na supervisão da política de usar camiões para gascar mortalmente judeus e outros, e depois matar centenas de milhares de pessoas na Europa para as fazer desaparecer. Acusado por essas ações de matança em massa, Herr Rauff conseguiu evitar ser capturado e evadiu-se pela *ratline*. Anos mais tarde, foi parar ao fim do mundo, à Patagónia, no sul do Chile, a gerir uma conserveira de caranguejo-real.

Seguiam-no rumores sobre o seu passado. E também rumores sobre a sua ligação ao general Pinochet. «Toda a gente sabe», declarou um taxista na baixa de Santiago.

PRIMEIRA PARTE

DETCNÇÃO

*A certeza de que não há lugar na terra onde os crimes
fiquem impunes poderá ser um meio eficaz de os prevenir.*

CESARE BECCARIA, 1/64

Londres, Outubro de 1998

1

Estávamos a 17 de outubro de 1998, num sábado à tarde, quando, à espera de saber resultados do futebol, ouvi a notícia na rádio. Eu fazia nesse dia 38 anos. Relatava a BBC que o antigo ditador chileno, o general Augusto Pinochet, tinha sido detido em Londres a pedido de um juiz espanhol. Fiquei interessado, não sendo todos os dias que um antigo chefe de Estado era metido na prisão. Os pormenores eram imprecisos, mas dizia-se que o pedido de extradição alegava crimes de genocídio, tortura e desaparecimentos cometidos durante os anos em que ele governara, desde o dia do golpe de Estado que o fizera ascender ao poder, a 11 de setembro de 1973, até o abandonar, em março de 1990.

Notícias da detenção suscitaram ira, satisfação e incredulidade. O governo chileno protestou por Pinochet ser um antigo presidente e senador vitalício, com total imunidade. «É uma transgressão das normas internacionais», declarou o filho dele a uma multidão que arremessava ovos à residência do embaixador britânico em Santiago. «Um ato de cobardia», afirmou a Fundação Pinochet, guardiã do seu legado. «Ele estava a dormir quando a polícia entrou no quarto da clínica.»

Os adversários de Pinochet, em contrapartida, estavam eufóricos. Poderá ser finalmente interrogado sobre o destino dos nossos entes queridos, disse o presidente da Famílias dos Desaparecidos. Uma «oportunidade única» para que responda pelas violações dos direitos humanos do seu regime, disse María Isabel Allende, filha do presidente Salvador Allende, que morreu no dia do golpe.

«Um terramoto», escreveu Roberto Bolaño, romancista chileno que vivia perto de Barcelona.

Um assunto para os tribunais, declarou o governo britânico. «A ideia de um ditador brutal reivindicar imunidade diplomática seria deveras revoltante» para a maioria das pessoas, disse Peter Mandelson, ministro.

A antiga primeira-ministra Margaret Thatcher declarou que a detenção era ultrajante, ilegal e desumana, levada a cabo «pela calada da noite» contra um Pinochet sedado. Deixava todos os antigos líderes em risco, inibindo decisões que pudessem levá-los a «ser apresentados em tribunal para responder por elas». Aqueles que detinham «poder absoluto» seriam menos propensos a renunciar a ele, «por receio de acabar os seus dias num cárcere espanhol». Foi apoiada por Norman Lamont, antigo ministro conservador que considerou que Pinochet era um «soldado bom, corajoso e honrado».

Eu era adolescente à altura do golpe e pouco sabia sobre Pinochet. Não visitei o Chile nos anos que se seguiram e os chilenos que conheci eram sobretudo estudantes de Direito que frequentaram as minhas aulas ou académicos exilados na Europa. No entanto, li livros e vi filmes sobre esses tempos. Em 1991, assisti a uma representação da peça de Ariel Dorfman *A Morte e a Donzela*, no Royal Court Theatre em Londres, e não esqueci o retrato que Juliet Stevenson dava de uma mulher que reconhecia o seu torturador, uma recordação que descrevia ao marido:

- Não estavas vendada e doente? [*diz o marido*]
 - Posso estar doente e reconhecer uma voz.
 - Uma memória vaga da voz de alguém não é prova de nada.
 - É a voz dele. Reconheci-a logo que aqui entrei ontem à noite.
- A maneira como ri. Certas frases que usa.

Por volta dessa altura, conheci Francisco Orrego Vicuña, professor de Direito, com quem trabalhei posteriormente em questões ambientais. Não sabia então que ele fora embaixador de Pinochet em Londres, até que esse pormenor veio à tona e arruinou a eleição dele para juiz do Tribunal Internacional de Justiça. Estava em boa

companhia: dizia-se que o escritor Jorge Luis Borges perdera a oportunidade de ganhar um Prémio Nobel da Literatura devido à admiração que manifestou por Pinochet.

2

Augusto Pinochet Ugarte nasceu no ano de 1915 em Valparaíso, com ascendência bretã e basca. Alistou-se nas Forças Armadas e ascendeu pela hierarquia. Nesse percurso, lecionou em academias militares no Chile e no Equador, onde viveu em meados da década de 1950 com a mulher Lucía Hiriart. Em 1970, Salvador Allende, o presidente socialista recém-eleito, nomeou Pinochet chefe do Estado-Maior do Exército, sob Carlos Prats, seu amigo e comandante-chefe. A 23 de agosto de 1973, depois de Prats se ter demitido, Allende promoveu Pinochet a comandante-chefe. Dezoito dias depois, a 11 de setembro, Pinochet desempenhou um papel de chefia no golpe de Estado que derrubou Allende, tendo-se este suicidado no palácio La Moneda, sede da presidência. Os acontecimentos são descritos na obra de Patricio Guzmán, *A Batalha do Chile*, uma trilogia de documentários cinematográficos notáveis.

Pinochet, anticomunista acrimonioso e germanófilo, foi ungido como chefe de uma Junta Militar de quatro elementos e, mais tarde, presidente do Chile. Era apoiado por vastos setores da população chilena e, nos Estados Unidos, pelo presidente Nixon e por Henry Kissinger, que veio a ser secretário de Estado uma semana depois do golpe. Saudaram o governo de Pinochet como baluarte contra a influência soviética e como meio de promover os princípios do mercado livre, inspirados nas ideias do economista Milton Friedman e dos «Rapazes de Chicago».

A Junta legislou para «eliminar o marxismo do Chile», dissolvendo os partidos políticos esquerdistas e expropriando-lhes o património. O edifício do Partido Socialista no número 38 da Rua de Londres, no coração de Santiago, foi ocupado e transformado num centro secreto de interrogatório e tortura, conhecido por Quartel do Lucatão.

**PHILIPPE SANDS COMBINA MEMÓRIAS PESSOAIS,
INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA E DRAMA LEGAL PARA DESVENDAR
UMA HISTÓRIA DUPLA DE ASSASSÍNIO EM MASSA.**

Por detrás das pesadas portas de madeira de um prédio discreto no coração de Santiago, Chile, esconde-se uma história sombria. A casa no n.º 38 da Rua de Londres abriga o legado de dois homens cujas histórias pessoais atravessam continentes, nacionalidades e décadas de atrocidades: Augusto Pinochet, presidente do Chile, e Walther Rauff, oficial nazi das SS.

Fugindo da justiça no final da Segunda Guerra Mundial, Rauff atravessa o oceano rumo ao sul do Chile, onde se estabelece em Punta Arenas, na Patagónia, como administrador de uma fábrica de conservas. Mas correm rumores sobre o alemão discreto e seguro de si — boatos de uma segunda carreira no serviço secreto de Pinochet, a temida DINA.

Em 1998, Pinochet viaja para Londres. Está a recuperar de uma operação numa clínica médica quando a polícia entra no seu quarto e o prende sob a acusação de crimes contra a humanidade e genocídio. Philippe Sands foi chamado para aconselhar o ex-chefe de Estado sobre a sua alegação de imunidade, mas optou por representar uma organização de direitos humanos contra ele.

Com base em entrevistas, pesquisas de arquivo e relatos em primeira mão, Philippe Sands expõe as consequências duradouras de crimes históricos. Ao fazê-lo, revela uma história inédita e surpreendente do legado de criminalidade descontrolada e do caminho para a impunidade.

«Com o ritmo de um romance de suspense,
repleto de questões morais e políticas,
este é Philippe Sands na sua melhor forma.»

IAN RANKIN



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-671-6



9 789895 898718